

RELAÇÕES ENTRE HISTÓRIA E PERSPECTIVAS PESSOAIS EM *CALVÁRIOS DA FLANDRES* E *MEMÓRIAS DA GRANDE GUERRA*.

André Henrique de Resende Alt
UFMG

A Primeira Grande Guerra foi o resultado de uma era gravada no cenário político-econômico pela tensão entre o regime monárquico e o republicano e pela concorrência de interesses comerciais expansionistas, especialmente quanto às colônias africanas.

Nos anos anteriores ao conflito houve um acúmulo de capitais devido à aceleração da produção de bens industriais, na Europa ocidental. Tratados recíprocos de defesa entre blocos de potências, França e Rússia de um lado e Alemanha e Áustria-Hungria de outro, foram firmados, o que tornava a atmosfera especialmente propícia a um conflito de grandes proporções.

Do ponto de vista das pequenas nações européias, e em especial de Portugal, havia uma crença bem disseminada de que se deveria apoiar uma das facções desse conflito, a fim de colher os frutos da vitória, que no caso da nação ibérica seriam a manutenção de suas áreas de influência colonial na África. Mas a que lado aderir?

Havia quem visse com simpatia o apoio ao Império Alemão, especialmente os monarquistas. Outros sustentavam o auxílio à França e seus aliados, em particular os republicanos. A neutralidade era preferida pelos que achavam que o conflito não dizia respeito às pequenas nações. Esse era o cenário político em relação ao iminente início da guerra, às vésperas de 1914, em Portugal.

O conflito europeu irrompeu após o assassinato do herdeiro do trono austro-húngaro, o arquiduque Ferdinando de Habsburgo, por um militante nacional-extremista de um país subjugado à época ao Império Austro Húngaro, a Sérvia. A rápida progressão dos eventos que

levaram ao conflito total em 1914 não pôde ser detida por manobras diplomáticas, dando-se início à guerra que ceifaria milhões de vidas até seu fim.

A participação portuguesa no conflito europeu, o que se traduziria pelo envio de tropas e suprimentos para a frente de batalha ocidental, no norte da França, não ocorreria antes de 1916. Contribuiu para essa demora a falta de consenso entre as representações republicana e monarquista em relação à questão, no Parlamento da República. Afinal, decidiu-se cooperar nos esforços de defesa do território francês com a criação do Corpo de Expedicionários Portugueses, o C. E. P., que seria enviado à luta junto à fronteira com a Bélgica para ocupar uma área sob tutela do alto generalado da Grã Bretanha.

Entretanto, a atuação do Corpo de Expedicionários Portugueses no norte da França sofreu enormemente com a tomada do poder em Portugal por Sidônio Pais através de um golpe de estado. O Sidonismo era refratário à luta contra a Alemanha, mesmo porque o seu articulador fora cônsul em Berlim por muitos anos, sendo conhecido por sua germanofilia.

O C.E.P. foi então categoricamente abandonado à sua própria sorte. O envio de víveres e homens foi suspenso por tempo indeterminado em 1918, justamente o ano de ataques mais acirrados no setor ocupado pelos portugueses. Finalmente ficou decidido que as áreas entregues à defesa do C.E.P. seriam então rendidas aos ingleses, sendo que pouquíssimos homens do corpo de guerra português permaneceriam no terreno de batalha subordinados às ordens britânicas.

Antes da real situação de falta de apoio do governo golpista em Portugal chegar a pleno conhecimento das tropas, os oficiais fizeram o possível para manter os soldados na ativa. Enquanto os americanos, os franceses e os ingleses gozavam de períodos de descanso na retaguarda, isso já não acontecia com os soldados do C.E.P., pois havia falta de homens para rendê-los.

Contudo não houve registro de graves insurreições. Os homens do C.E.P. se comportaram exemplarmente, apesar das dificuldades que cercavam sua ofensiva. Cada soldado português que se encontrava na frente de batalha sentiu-se abandonado e traído pela pátria cuja honra pagavam com o próprio suor e sangue no duro quotidiano das trincheiras. Transcrevemos o trecho a seguir de *Memórias da Grande Guerra* para ilustrar o que ali se passava.

Ao caminhar, da retaguarda cá para as linhas, atravessam-se todos os círculos da agonia até parar nessas planícies da morte. São as aldeias desmanteladas --- casas mortas com as órbitas vazias e espigões de madeiros fraturados em ruas cemiteriais; depois as zonas, onde a artilharia ligeira se esconde e treveja; agora os campos, ericados de arame farpado, panos de paredes carcomidas, e granadas rebentando; enfim a terra cava-se, mergulhamos no chão: estamos nas trincheiras. (...)

Um sistema de fossos rasga o chão até a altura dum homem e sucede-se em três linhas paralelas, ziguezagueando e entreunindo-se até aos parapeitos sobre a terra de ninguém. Nestes fossos abriram-se lateralmente algumas cavernas, espécies de silos escuros para vegetar. As granadas e a chuva, aqui e ali revolvem, abrem, obstruem, encharcam em lama e água. Todavia, nesses fossos e cavernas, sujos e viscosos, alguns homens habitam.

(...)

Há crianças com caras de velhos.¹

Na república, a tardia mobilização portuguesa para o conflito e as circunstâncias desfavoráveis da política interna não passaram despercebidas aos olhos dos intelectuais e órgãos formadores de opinião.

Em particular destaca-se a participação da Renascença Portuguesa, sociedade literária com sede no Porto, que além de publicar de inúmeros textos a esse respeito em seu órgão de divulgação, a revista *A Águia*, editou duas obras de interesse histórico e literário; *Memórias da Grande Guerra* de Jaime Cortesão, e *Calvários da Flandres* de Augusto Casimiro.

Inicialmente sublinhamos que os recortes temporais escolhidos são diversos nos dois relatos. O de Augusto Casimiro inclui unicamente os eventos do ano de 1918 enquanto aquele de Jaime Cortesão abrange os anos de 1916 a 1919.

¹ CORTESÃO, Jaime. *Memórias da Grande Guerra*. Porto: Renascença Portuguesa, 1919. p. 92, 93.

Ambos os textos pertencem ao gênero memorialista. Portanto, era de se esperar que pela atuação do fluxo da memória a cronologia neles contida fosse desordenada ou não temporalmente progressiva; contudo isso não ocorre pois há fidelidade a uma seqüência temporal historicamente bem documentada.

Surge, por assim dizer, uma sobreposição mútua da memória histórica, portanto coletiva e da memória individual. O fato do fluxo das memórias estar balizado pela cronologia histórica poderia resultar de ser essa uma guerra coletivamente vivida e rememorada. Mas o texto memorialista assim estruturado perderia seu caráter pessoal?

Ambos os autores estiveram presentes na frente de batalha, ali atuando em cargos diferentes na hierarquia militar. Jaime Cortesão era oficial do corpo médico enquanto Augusto Casimiro comandava as ações de um batalhão do C. E. P.. Era de se esperar, portanto, que as experiências relatadas em cada um dos textos fosse singular. Entretanto isso não ocorre, sendo a existência de semelhanças notável. A que se pode atribuir essa aproximação?

Para tratar da questão em torno do eventual abandono da pessoalidade da narrativa em relação a uma cronologia histórica, extratextual e independente do fluxo de memória do narrador, destacamos um trecho de *Memórias da Grande Guerra* em que Jaime Cortesão relata sua internação em um hospital para tratar-se da cegueira que o tomou por um mês em consequência da exposição aos gases tóxicos lançados pelos alemães.

Nesse momento do relato transparece o homem, com sua fragilidade frente à máquina de guerra alemã que na ocasião empenhava um de seus ataques mais bem sucedidos ao território francês, a ofensiva do Lys, a qual fez o hospital ser evacuado em virtude do avanço inesperado das tropas de ataque alemães.

Agora uma atonia funda prostra-me o corpo. Urge que me deite. E, quando vou a meter-me na cama, sinto um ardor violento e cruciante nos olhos que entram de chorar a grandes bagadas. De súbito cerram-se e quando tento de novo abri-los, sinto que as pálpebras estão violentamente coladas uma à outra. Então às mãos ambas afasto-as um pouco para logo as deixar cerra, tão doloroso é esse esforço. Mas, --- coisa horrível! --- eu não vi. Uma suspeita terrível me lanceia a alma?! Afasto de novo as pálpebras. Horror! Não vejo! Estou cego! O coração bate marteladas doidas.²

Essa internação sob circunstâncias tão graves advindas da própria condição física, mas também do conflito que determinou a evacuação do hospital, permitiram a Jaime Cortesão o afastamento necessário para imprimir a marca de seu sentimento individualizado sobre o que ocorria à sua volta.

A personalidade é uma característica que também encontramos na outra obra que analisamos, *Calvários da Flandres*, porém como discutiremos a seguir, ela figura de maneiras diferentes em cada um dos relatos. Contudo já podemos afirmar que a simples constatação da presença da perspectiva pessoal serve a provar que ela não é *a priori* preterida em um relato histórico-memorialista.

Augusto Casimiro aborda unicamente o ano de 1918 oferecendo, contrastivamente à opção de Jaime Cortesão, um relato mais isento de sua perspectiva individual. Ele elege abertamente a história como baliza dos fatos narrados e utiliza-se freqüentemente da prosa poética esmerada para conferir afetividade ao texto, como se pode testemunhar através do trecho destacado em que descreve um *raid* aéreo alemão.

Mastins furiosos, os projetores teimam, revolvem a sombra, esquadrinham a noite, farejam, varrem, não descansam. Os facho, longas pétalas alvas que se cruzam, confundem e dissociam, ofuscam o luar e as estrelas em naufrágios de luz.

De repente, além, adiante, na interseção mais viva das grandes pétalas cruzadas, águia branca em pleno vôo, --- o avião surpreso, encarcerado, vai...

Libélula que a luz queima, em sua prisão ambulante, não o largam os mastins enraivados...

(...)

Exposto, no seu cárcere de luz, entre rosas de fogo, o monstro vai, cambaleando, leso talvez, perdido...

² CORTESAO, Jaime. 1919 . p208.

(...)
Os roncões da fera, irregulares, esbatem-se, recrescem, caem, sobem de novo, irrompem num último esforço. E, súbito, o monstro escapa ao círculo de luz que o leva como um fétetro.
Calou-se, na noite cansada, a sua voz infame.
(...)
E as coisas, sonâmbulas, voltam a ouvir de novo as canções das estrelas. (15-07-1918).³

Em seu relato é principalmente através da forma imprimida ao texto pela prosa poética que se pode aferir a personalidade. Percebe-se através da adjetivação conferida aos projetores de luz no trecho que acabamos de citar sua identificação ao movimento de cães de caça, e de sua luz a “pétalas alvas” e “rosas de fogo”. O vôo do avião inimigo é associado à “águia branca em pleno vôo” e à libélula.

O uso de prosa poética poderia indicar, à primeira vista, um tratamento eufemístico do fato desse modo narrado; mas não nos parece ser essa a intenção de Augusto Casimiro. Ao contrário, nisso apenas constatamos sua familiaridade a uma tradição erudita de narrar. Essa, ademais, confere à forma de seu texto, através dos recursos de representação empregados, a marca do envolvimento do autor com a experiência da guerra, traduzida em texto literário após a elaboração afetiva dos fatos vivenciados.

Na obra de Jaime Cortesão também encontramos a descrição de um *raid* aéreo alemão.

Nisto, pânico na sala. A artilharia antiaérea dispara lá fora, denunciando a chegada dos aeroplanos *boches* [alemão, em linguagem familiar francesa]. Tudo se levanta e corre e fecha portas ou janelas e apaga luzes. Uma das criadas (...) cai em brados e convulsões histéricas (...)
--- À *la cave!* [à adega]--- grita-se. Súbito uma explosão formidável retumba, e chão, paredes, móveis e gentes, tudo freme, violentamente sacudido
(...)
Como aquilo se repete a largos intervalos, prolongando-se pela noite, acabamos por nos deitar
Ao dia seguinte, há alguns prédios mais desabados, vários feridos civis, um avião abatido, e um *ás* da aviação *boche*, prisioneiro.⁴

³ CASIMIRO, Augusto. *Calvários da Flandres* (1918). Porto: Renascença Portuguesa, 1920. p74, 75.

⁴ CORTESÃO, Jaime. 1919. p. 76

O estilo de Jaime Cortesão, como se afere no trecho transcrito de *Memórias da Grande Guerra*, é mais descritivo do que poético. A personalidade de seu relato fica mais expressa nos fatos narrados do que propriamente na forma na qual se estrutura o texto.

Muitas outras circunstâncias comuns à atmosfera do conflito são descritas em ambas as obras; por exemplo, a vida nas trincheiras, a destruição de cemitérios com a exposição de cadáveres, a saudade de Portugal e a indignação com as condições de sobrevivência que se tornaram precárias depois que o governo de república negou apoio logístico ao C.E.P..

Concluimos que apesar dos dois autores terem ocupado cargos diferentes na hierarquia militar isso não determinou especialmente uma diferenciação em suas memórias quanto ao teor e a intensidade de seu envolvimento no conflito, como seria esperado sob condições normais.

Acreditamos ser isso devido à situação particular daqueles que atuavam nas trincheiras durante a guerra de usura. Era necessário ali passar meses em condições insalubres esperando o ataque inimigo, e isso valia tanto para os soldados quanto para aqueles que os comandavam diretamente, como Augusto Casimiro. Jaime Cortesão também atuou intensamente nesse ambiente, não em um cargo de comando, mas como responsável por um ambulatório em suas imediações.

A memória dos acontecimentos políticos suscita uma palavra presa à situação concreta do sujeito. O primeiro passo para abordá-la, parece, ser aquele que leve em conta a *localização de classes* e a *profissão* de quem está lembrando para compreender melhor a formação do seu ponto de vista.⁵

Na verdade, o que está por trás de ambos os relatos aqui analisados é a experiência coletiva da vida em trincheiras. Sua especificidade aproximou o conteúdo temático dos dois textos, contrariando algo que a crítica materialista histórica preveria ser essencialmente único devido às diferenças de ocupação de cada um dos escritores. Concluimos que a guerra nas

⁵ BOSI, Ecléa. *Memória e sociedade: lembranças de velhos*. São Paulo: T.A. Queirós, 1979. p.372

trincheiras foi algo tão extremo que marcou os que ali estiveram não tanto na sua vida social mas preponderantemente enquanto seres humanos.

À parte os episódios nas trincheiras há também em ambas as obras uma preocupação constante em denunciar o histórico descaso do Sidonismo com o C.E.P.. Quanto a isso, Augusto Casimiro procurou primordialmente relatar o sofrimento do soldado português frente ao abandono do C.E.P. pelo governo golpista de Sidôneo Paes.

No título de seu livro o termo *calvários* refere-se claramente ao suplício sofrido pelos guerreiros do C.E.P. que, além de encontrarem-se no front no período mais acirrado do ataque inimigo e justamente em um dos locais mais bombardeados pela artilharia alemã, enfrentaram a vida das trincheiras sem o apoio logístico do governo recém-instituído em Portugal.

Sobre os plainos da Flandres erguem-se calvários...

Crucificadas, exangues, agonizam almas lusíadas...

No calvário mais alto, tendo nos olhos a luz de Deus que um futuro longínquo saberá compreender enfim, agoniza, devagar, devagar, cheio de saudade, evocando o Milagre que, da minha raça, gente sem Amor de Deus ou Pátria não soube realizar, --- agoniza, morre talvez, o mais formoso sonho lusitano, o que fez sorrir no céu a alma de Nun'Álvares e, nas campas do Mar, nos Panteões da Raça, agitou, desvairou de esperança as almas eternas, os grandes mortos de Portugal!...

--- Pátria, Pátria, por que nos abandonaste?...⁶

Vejamos o que escreveu Jaime Cortesão a esse respeito.

Chegado aí [em Lisboa], reconheci melhor o espírito que vencera a revolução e a gora se mostrava às escâncaras. Vencera a mancomunação das forças mais antagônicas, que se mascaravam inabilmente para esconder os desejos e pensamentos inconfessáveis que havia. O partido democrático cometera erros? É certo. Não eram todavia tantos que contrabalançassem os inconvenientes gravíssimos duma revolução naquela altura, fosse ela a mais bem intencionada. Uma única razão de caráter político, tomando essa palavra no sentido mais restrito poderia atenuar o criminoso movimento: era a convicção em que estavam o seu primeiro chefe e por certo muitos que o ajudaram ou favoreceram de que a Alemanha vencia.

(...)

O amor ou o receio da Alemanha, ambos servidos pelo ódio político e aproveitando-se do medo à guerra, que se explorou em promessas torpes, eis o que é essencial nesse movimento. O resto são palavras para esconder a verdade.

A contra-prova venho encontra-la em Lisboa. Nós os que estamos em França somos olhados com desdém, quando não é com desprezo. Dizem-nos com o ar mais natural deste mundo as coisas mais afrontosas.

Fazem todos os possíveis por denegrir uma ação, de cuja glória eles deliberadamente não querem ou não têm a coragem de participar. Generalizam a todos as comodidades ou os erros de alguns; atiram-nos

⁶ CASIMIRO, Augusto. 1920. p. 67.

à cara o dinheiro que ganhamos; e declaram-nos sem reboços não acreditar nos perigos da nossa guerra, insinuando, com pancadinhas maliciosas no ombro, que “aquilo é uma pândega”.⁷

Juntas as duas obras ilustram perfeitamente a atuação de Portugal nas trincheiras da Flandres francesa de 1916 a 1918. Mesmo se cada uma das obras contenha particularidades isso não as torna em nada incompatíveis entre si, tanto do ponto de vista da fidelidade aos eventos históricos, com sua seqüência temporal conhecida, quanto da manutenção da qualidade estética na composição do texto.

A relação entre memória pessoal e coletiva fica evidente nos dois relatos mesmo se em *Memórias da Grande Guerra* muito mais seja dedicado ao trabalho de rememoração da trajetória pessoal do que em *Calvários da Flandres*. A história, em ambos os textos representada pela fidelidade à seqüência temporal rigidamente estabelecida e explicitamente registrada não apresenta empecilho ao resgate da dimensão pessoal por parte dos narradores.

A lembrança de certos momentos públicos (guerra, revoluções, greves...) pode ir além da leitura ideológica que eles provocam na pessoa que os recorda. Há um modo de viver os fatos da História, um modo de sofrê-los na carne que os torna indelével e os mistura com o quotidiano, a tal ponto que já não seria fácil distinguir a memória histórica da memória familiar e pessoal.⁸

Concluimos que a conjugação da memória histórica e da memória pessoal permitiu a ambos os autores engendrar seus textos. Percebe-se que antes de serem forças mutuamente sectárias as memórias coletiva e individual podem aliar-se para permitir a criação de textos que têm características híbridas e que se assumem enquanto tal, criando um resultado estético único e que tem trânsito de validade entre os campos de interesses literário e histórico.

Referências Bibliográficas

BOSI, Ecléa. *Memória e sociedade: lembranças de velhos*. São Paulo: T.A Queiroz, 1979.

⁷ CORTESAO, Jaime. 1919. p.117-8.

⁸ BOSI, Ecléa. *Memória e sociedade: lembranças de velhos*. São Paulo: Ed.USP. 1973. p382

CASIMIRO, Augusto. *Calvários da Flandres (1918)*. Porto. Renascença Portuguesa, 1920.

CORTESÃO, Jaime. *Memórias da Grande Guerra*. Porto. Renascença Portuguesa, 1919.

Documentos eletrônicos:

www.arqnet.pt

www.cg60.fr/oise/gg1418/historic_1418.html